

A história do João e da Anabela

No início do 8.º ano, a escola do João e da Anabela começou a usar iPads nas aulas de TIC. Foi aí que ouviram falar, pela primeira vez, de algo chamado Inteligência Artificial. A professora explicou que existiam ferramentas como o ChatGPT, capazes de responder a perguntas, ajudar a escrever textos e até resolver problemas de matemática.

O João ficou fascinado. Não porque queria que a IA fizesse os trabalhos por ele, mas porque queria perceber como funcionava. Começou a fazer perguntas curiosas: “*Como é que a IA sabe isto?*”, “*Será que está certa?*”, “*E se eu perguntar de outra forma?*”. Usava a IA para estudar História, pedindo resumos e depois comparando com o manual. Em Matemática, questionava sobre os passos para chegar a um resultado, mas depois resolvia os exercícios por ele. Até em Português, pedia ajuda para melhorar os seus textos, mas reescrevia-os com as suas próprias palavras. Usava a IA como uma parceira de estudo — não como um atalho, mas como uma ferramenta para aprender melhor.

Já a Anabela viu logo uma oportunidade: “*Finalmente alguém que faz os trabalhos por mim!*”, disse, rindo. Começou a copiar respostas da IA para os trabalhos de casa, sem ler com atenção. Quando tinha de escrever uma composição, pedia ao ChatGPT e colava o texto. Quando havia um trabalho para fazer, usava a IA para fazer designs espetaculares que nem tentava melhorar. “*Está ótimo!*”, dizia ela com frequência. No início, parecia funcionar. Tirava boas notas, entregava tudo a tempo. Mas com o tempo, percebia cada vez menos o que estava a fazer. Quando a professora fazia perguntas na aula, ficava em silêncio. Quando tinha de resolver um problema de matemática sem ajuda, bloqueava. Estava a depender tanto da IA que já não confiava em si própria.

Os anos passaram.

Chegaram ao 11.º ano. João queria entrar em Engenharia Informática. Anabela sonhava com Psicologia. Ambos sabiam que os exames nacionais seriam decisivos para entrarem nos cursos que queriam. João continuava a usar a IA, mas agora com mais maturidade: fazia simulações de exames, pedia explicações alternativas, corrigia os seus próprios erros. Estava mais confiante, mais autónomo. A IA era uma aliada, mas ele era o piloto.

Anabela, por outro lado, sentia-se perdida. Tentava usar a IA para estudar, mas não sabia por onde começar. As respostas pareciam-lhe confusas, e como nunca tinha desenvolvido o hábito de pensar por si, sentia-se insegura.

Na véspera do exame a Anabela disse ao João:

— *Acho que me habituei a que a IA pensasse por mim... e agora não sei como pensar sozinha.*